



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 3

maio-jun.2025

p. 223-242

Lesbianidade e negritude: uma análise a partir das vivências da personagem Alike

(Lesbianism and blackness: an analysis based on the experiences of the character Alike)

(Lesbianidad y negritud: un análisis basado en las experiencias del personaje Alike)

Tiffany Simpliciana de Souza¹

Isadora Oliveira Rocha²

Renata Chrystina Bianchi de Barros³

Fernando César Paulino-Pereira⁴

RESUMO: Este artigo, de abordagem qualitativa, trata da interseção entre lesbianidade e negritude por meio da análise da identidade da personagem Alike, protagonista do filme “Pariah”. O objetivo deste trabalho é compreender, num contexto de discursivização da existência da mulher negra na arte cinematográfica, como as macro e micro violências atravessam as identidades de mulheres negras lésbicas, analisando a narrativa de história de vida da personagem. A análise foi construída através da Psicologia Social Crítica, em diálogo com o materialismo histórico dialético, proporcionando uma compreensão da identidade como um processo em constante movimento. Observamos que os atravessamentos da lesbofobia e do racismo permeiam a construção da identidade da personagem, limitando suas possibilidades de existência. A pesquisa permitiu perceber a importância da construção de uma identidade política na história da personagem, uma vez que isso possibilita a construção de fragmentos de emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Lésbicas negras; Identidade; Lesbofobia.

Abstract: This article, with a qualitative approach, addresses the intersection of lesbianism and blackness through the analysis of the identity of the character Alike, the protagonist of the film “Pariah”. The objective of this work is to understand, within the discourse of the existence of black women in cinematographic art, how macro and micro-violences intersect the identities of black lesbian women, analyzing the character’s life story narrative. The analysis was constructed through Critical Social Psychology, in dialogue with dialectical historical materialism, providing an understanding of the character’s identity as a constantly evolving process. We observed that the intersections of lesbophobia and racism permeate the construction of the identity of the character, limiting her possibilities of existence. The research allowed us to perceive the importance of constructing a political identity in the character’s story, as this enables the construction of fragments of emancipation.

Keywords: Black lesbians; Identity; Lesbophobia.

Resumen: Este artículo, con un enfoque cualitativo, aborda la intersección entre lesbianidad y negritud mediante el análisis de la identidad del personaje Alike, de la película “Pariah”. El objetivo es comprender, en un contexto de discursividad sobre la existencia de la mujer negra en el arte cinematográfico, cómo las macro y micro violencias atraviesan las identidades de las mujeres negras lesbianas, analizando la narrativa de su historia de vida. El análisis se construyó desde la Psicología Social Crítica, en diálogo con el materialismo histórico dialéctico, entendiendo la identidad del personaje como un proceso en constante movimiento. Observamos que las intersecciones de la lesbofobia y el racismo impregnan la construcción de la identidad del personaje analizado, limitando sus posibilidades de existencia. La investigación permitió percibir la importancia de construir una identidad política en la historia del personaje, ya que esto posibilita la construcción de fragmentos de emancipación.

Palabras clave: Lesbianas negras; Identidad; Lesbofobia.

1 Mestranda em Psicologia Social Pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). E-mail: tiffyssouza@gmail.com

2 Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: isadora.oliveirarocha@gmail.com

3 Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação, e do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: renatacb@unicamp.br

4 Doutor em Psicologia Social. Professor adjunto da Universidade Federal de Catalão. E-mail: epifania.cps@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 12/11/2024

Aceito em 21/02/2025

A pesquisa em questão voltou-se à compreensão das macro e micro violências que permeiam as identidades de lésbicas negras, concentrando-se especialmente nas dinâmicas familiares. A entrada para a investigação se deu por meio da análise do filme “*Pariah*”, dirigido por Dee Rees, e, em particular, das vivências da protagonista Alike, uma adolescente negra e lésbica. Lançado em janeiro de 2011, o filme narra a história de Alike, então com dezessete anos, e que se vê diante do dilema entre expressar sua sexualidade em desacordo com as expectativas de sua família, ou conformar-se com o que é esperado dela por sua família, ocultando sua própria identidade.

Socialmente, este estudo justifica-se por mobilizar, assim como já destacado por Sousa e Paulino-Pereira (2022), um tema que discute o enfrentamento do racismo e do machismo por mulheres negras vítimas de feminicídios, violência doméstica e que ocupam posições subalternas na sociedade como meio de sobrevivência. Para as lésbicas negras, além desses desafios, há a necessidade de enfrentar a lesbofobia, que sustenta o sexismo por meio da violência, reforçando práticas heteronormativas (Braga *et al.*, 2022).

Diante desse contexto, esta pesquisa se propõe a investigar, refletir e dar visibilidade às vivências e violências enfrentadas por mulheres lésbicas negras objetivando compreender como as macros e micros violências atravessam suas identidades. Especificamente, inclui investigar a influência da lesbofobia na construção da identidade da mulher negra lésbica analisando o racismo como um fator que perpassa essa vivência, identificando as possibilidades de emancipação diante de contextos de violência.

A pesquisa apresentada adota uma abordagem qualitativa, centrada nas vivências subjetivas da personagem. A Psicologia Social Crítica orienta a análise em diálogo com o materialismo histórico-dialético conceituando o ser humano como um ser histórico e social. A técnica de análise de história de vida foi utilizada na coleta de dados conforme orientado por Chizzotti (1998), seguindo as categorias identidade-metamorfose-emancipação advindas da teoria psicossocial da identidade cunhadas por Ciampa (1987). Também, foram mobilizados os conceitos processuais de socialização na constituição da identidade, com ênfase na socialização primária e secundária.

A análise de Goffman (1980) e Ciampa (2002) sobre estigma e políticas de identidade contribuiu para a compreensão das experiências das lésbicas negras, que enfrentam estigmas relacionados ao ser negro, e à lesbianidade. Segundo Lane (1989), esta vertente em Psicologia compreende o ser humano enquanto ser histórico e social. É possível, assim, realizar um paralelo com a teoria da Identidade, proposta por Ciampa (1984), que compreende a identidade não como algo estático, mas sim como algo em constante movimento.

A compreensão da identidade da mulher lésbica negra foi abordada como um processo



de metamorfose, conforme Ciampa (1987), destacando a importância da luta pela emancipação entendida como um constante movimento de transformação. Apesar de fragmentada, essa emancipação é vital para que as lésbicas negras possam negar as imposições sociais e lutar contra as violências naturalizadas. O racismo foi abordado como uma estrutura que vai além do preconceito individual que se sustenta nas dinâmicas políticas e econômicas da sociedade, e o conceito de lesbofobia foi associado à conjuntura dessa estrutura mostrando os desafios adicionais imputados às lésbicas negras.

De modo amplo, a pesquisa apresentada visa contribuir com a construção de um saber necessário, e propõe reflexões acerca das vivências e das violências enfrentadas pelas lésbicas negras como forma de fazer coro às vozes daquelas que são diariamente silenciadas em suas existências. A Psicologia, enquanto ciência, possui esse compromisso pactuado eticamente em prol do enfrentamento da violência de diferentes ordens e naturezas, vivenciadas pela população LGBTQIAP⁵, devendo trabalhar e prol do “reconhecimento da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero” (Conselho Federal de Psicologia, 2018), e contribuir na construção de possibilidades de existências para esse público.

1 A influência dos processos sociais na perpetuação de preconceitos

O “tornar-se humano” diz respeito a um processo do qual o sujeito participa ao ser inserido no mundo pela socialização. Segundo Heller (1985), o sujeito já nasce inserido em sua cotidianidade, ou seja, nasce inserido em um mundo que possui regras e valores que serão aprendidos no próprio percurso da socialização, e que influenciarão a forma como ele compreenderá e significará a sociedade na futuridade.

Estar em sociedade e participar da sua dialética são práticas complexas do desenvolvimento humano que exigem compreensão sobre as formas como os sujeitos se articulam e convivem. Desde a experimentação da primeira socialização, na infância, até os processos de interiorização, internalização e exteriorização, conforme orientam Berger e Luckmann (1985), os modos de significar as pessoas e as coisas no mundo devem ser cotejadas seja por quem sofre qualquer forma de violência, seja por quem se ocupa de pensar as práticas preconceituosas. Berger e Luckmann (1985), explicitam os modos como a criança assimila os sentidos do mundo a partir daquilo que é mediado por seus semelhantes na relação com a sua própria localização na estrutura social. Isto

5 Sigla que identifica o movimento em respeito e reconhecimento da diversidade de gênero, dando visibilidade e protagonismo a Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e +, ou seja, outras condições de existência e identidades de gênero significando a diversidade e a condição fluida da sexualidade.



é, ao longo do seu desenvolvimento, a criança aprende e interioriza os valores e ensinamentos que seus responsáveis compartilham, tornando-os seus. Assim dizendo, é na relação processual de identificação com “outros distintos significativos”, isto é, com aqueles com quem aprendem e que internalizam o aprendizado de modo subjetivado que a criança se tornará hábil a identificar a si própria e, conseqüentemente, a desenvolver uma identidade que seja coerente numa perspectiva subjetiva.

A socialização primária configura-se como a primeira forma de inserção do sujeito na sociedade a partir da identificação com os outros concretos, isto é, com outras pessoas individuais com quem se pode interagir, e com uma generalidade de outros representativos e significativos na sociedade que influenciarão a forma de compreensão sobre o mundo. Em conseqüente, ao inserir-se em outros meios como a escola, o trabalho e outros espaços sociais, o sujeito passará a vivenciar a socialização secundária, que é descrita pelos autores como a “interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições” (Berger; Luckmann, 1985, p. 184). A socialização, segundo os autores, é um processo de constante movimento, sendo assim o primeiro processo que não se finda por completo para que outro possa se iniciar.

Desse modo, será no contato com as instituições como a família, a escola e a igreja, entre outras, que o sujeito perceberá que o mundo apresentado por seus responsáveis primários não é o único existente, assim como passará a adquirir o conhecimento da existência de funções específicas que estão direta ou indiretamente relacionadas à divisão do trabalho. As instituições estabelecem novas regras e formas de o homem se inserir no mundo e que constituem a identidade do sujeito, podendo este identificar-se ou não com os papéis que lhe são apresentados nesse *continuum* entre a infância e o adolecer, conforme afirmam Berni e Roso (2014). Este é um período da vida que deve ser compreendido como um período constituído por diversas características que atravessam os sujeitos sociais e históricos, cada um à sua maneira, afetados e constituídos pela e na cultura que os permeia.

Os processos descritos co-ocorrem, isto é, performam dialeticamente por serem processos que se implicam um sobre o outro, e coexistem na vida cotidiana⁶ (Heller, 1985). Para viver a cotidianidade é necessário um mecanismo que permita pensar e realizar atividades de forma rápida, sem que grandes planejamentos sejam exigidos do sujeito para que ele alcance uma determinada conclusão, ou para que realize um ato. Eis o que Heller (1985) nomeia de ultrageneralização, e que pode irromper em juízos provisórios como preconceitos, resistindo à refutação científica e à

6 Segundo Heller (1985), o cotidiano diz respeito ao espaço e o tempo em que estamos inseridos, configurados pelos métodos de produção do sistema capitalista.



experiência racional, ou seja, um juízo provisório que antecipa à atividade possível e nem sempre obtém confirmação científica.

Segundo Heller, “os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão, são preconceitos” (Heller, 1985, p. 47). Ou seja, Heller argumenta que esses processos dialeticamente co-ocorrentes são facilitados pela ultrageneralização que repercute como produto complexo de processos sociais que moldam as percepções e atitudes individuais desde a infância. Através da socialização primária e secundária, as crianças e jovens internalizam valores, normas e estereótipos culturais que permeiam suas interações sociais. Tal movimento pode ser reforçado por instituições sociais que transmitem mensagens e representações que perpetuam visões estereotipadas sobre determinados grupos sociais, como de pessoas negras e LGBTQIAP+.

Na adolescência, período crucial do desenvolvimento humano, esses preconceitos podem se intensificar ou serem questionados devido à maior exposição a diferentes perspectivas e experiências. Nesse estágio, os jovens estão em busca de identidade e pertencimento, o que pode levá-los a reforçar ou desafiar os preconceitos que aprenderam ao longo da vida. A influência dos pares, a busca por aceitação social e a formação de grupos de referência também desempenham um papel significativo na maneira como os adolescentes percebem e reproduzem preconceitos.

2 Formas de preconceito e condições de existência

No contexto contemporâneo, o debate em torno do racismo e suas implicações sociais e individuais ganha cada vez mais relevância. Nesse sentido, a definição e compreensão do fenômeno se tornam cruciais para uma análise aprofundada. Segundo Silvio de Almeida (2019), o racismo pode ser caracterizado como uma forma de discriminação fundada na raça, manifestando-se consciente ou inconscientemente e resultando em vantagens ou desvantagens para diferentes grupos raciais. Diante disso, torna-se necessário problematizar e refletir sobre as consequências do racismo, especialmente na perpetuação de desigualdades e na subalternização de pessoas negras em relação à sociedade.

O racismo é prática⁷ social que se mantém em tradições e crenças instaladas nas vivências e experiências cotidianas que colocam o sujeito preto em posição subalterna ao branco, sendo significado nesse funcionamento como mais preguiçoso, menos inteligente, menos bonito que o outro, mesmo que tais estereótipos sociais não encontrem comprovação científica e/ou pragmática

7 De uma posição dialética-materialista, retomamos o conceito de prática desenvolvido por Althusser (1996): “1. não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela; 2. não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos”.



na vida cotidiana. Quando associados a sentimentos, afirma Krüger (2004), tais estereótipos passam a compor estruturas psicológicas complexas de tal modo que passa a constituir a subjetivação tanto daqueles que significam sentimentos negativos e positivos opondo grupos específicos, como negros e brancos, quanto daqueles que são afetados diretamente pelo efeito discriminatório. É um regime de funcionamento que desencadeia uma fixação afetiva do preconceito (Heller, 1985), que o mantém independente das circunstâncias, fazendo com que o sujeito não abandone tais preconceitos, pois possui fé em suas crenças.

Nesse ínterim, compreende-se que o racismo está além do preconceito objetivo, que se dá nas relações entre duas ou mais pessoas, pois são processos profundos de modos de constituição subjetiva e social que perpassa pela dinâmica das instituições e “que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade” (Almeida, 2019, p. 15). Portanto, configura-se de forma estrutural sendo um mecanismo de manutenção do sistema capitalista. Contudo, é indispensável ressaltar que a compreensão do racismo estrutural não deve retirar a responsabilidade dos sujeitos sobre suas condutas racistas, ou seja, não isenta as responsabilidades individuais do processo. Ainda que não possa ser compreendido como um ato isolado de um indivíduo, ou de um grupo, Almeida (2019) destaca a relevância individual no processo antirracista e de desmobilização dos preconceitos.

Se o racismo faz parte da estrutura, a desmobilização dessa forma de exclusão e preconceito deve passar pela transformação das estruturas que o mantém. Nessa direção, é oportuna a reflexão e o debate sobre os estigmas⁸ acerca do “ser negro” produzidos pelo próprio sistema como forma de gerar desigualdades. Os estigmas imputam sentidos sobre o sujeito de tal modo que criam oposições entre grupos sociais e relacionam descrições sobre normalidade e anormalidade, bom e ruim, construindo circunstância à instalação de subalternidade. Nesse processo, quando as exigências de “normalidade” não são cumpridas pelo sujeito, os demais atribuem a ele atributos que o torna diferente, ou até menos desejável, passando esse sujeito a ser considerado uma criatura de categoria inferior, “reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (Goffman, 1980, p. 6). Tal reflexão orienta ao questionamento sobre os métodos de inferiorização utilizados pela classe branca dominante ao relacionar o ser negro com “tudo aquilo que é mau, indesejável, feio, sujo, sinistro, maldito etc.” (Goffman, 2020, p. 241).

As condições de subalternidade que foram infringidas historicamente à pessoa negra

⁸ Goffman (1980) explica que o termo “estigma” foi criado pelos gregos como forma de referir-se a algo ruim ou extraordinário sobre o status moral de quem os apresentava. Atualmente o termo estigma é associado àqueles que possuem uma marca física ou social, que os diferencia dos demais considerados normais. Dessa maneira, uma mulher negra é considerada estigmatizada pelo marcador social da cor da pele, enquanto uma mulher branca é percebida como normal.



geraram e mantêm estigmas acerca do ser negro/a na sociedade. Corroborando com Goffman (1980) sobre o conceito de estigma, Ciampa (2002) discorre sobre as políticas de identidade⁹ serem formadas a partir do que é normatizado socialmente. Nessa perspectiva, ao estabelecer uma relação com as fundamentais temáticas da presente pesquisa, nos cabe ponderar sobre as mulheres que vivem entre o racismo e a lesbofobia.

A identificação da mulher negra e lésbica perpassa pelo enfrentamento de estigmas e das imposições opressivas à sua existência em uma sociedade na qual as políticas de identidade estabelecem uma universalidade sobre o “ser lésbica”, relacionando suas identidades diretamente com o estereótipo do “ser homem” (Marcelino, 2016). Costa (2024) corrobora com essa tese afirmando que esse enfrentamento ainda perpassa pela necessária luta pela desestabilização da cis-heteronormatividade e do racismo estrutural. A autora destaca que a mulher negra lésbica ocupa um lugar de intersecção entre múltiplas opressões, sofrendo exclusões tanto no âmbito familiar, quanto na sociedade mais ampla.

Estudos contemporâneos às primeira e segunda décadas dos anos 2000 afirmam que ser mulher negra lésbica está relacionado, em diversos contextos, à desonra de sua cor/raça (Marcelino, 2016). Lésbicas negras costumam ser relacionadas ao estereótipo de “mulher ‘masculinizada’” (Takazaki, 2021), à indelicadeza e à agressividade, sendo que nem todas as mulheres lésbicas performam tais comportamentos. Em outros termos, as políticas de identidade estruturam uma imagem a respeito de um grupo de pessoas e as negam enquanto totalidade, condenando a lesbianidade quando esta rompe com a heteronormatividade e corroborando com a manutenção da lesbofobia¹⁰ na sociedade.

A lesbofobia produz contextos de vulnerabilidade que vão desde violências brutais, como assassinatos e estupros, até a hostilizações verbais, restrições e controle, e tentativas de (re)adequação às normas (Braga *et al.*, 2022). Levando em consideração tais atravessamentos, torna-se essencial refletir sobre a construção da identidade de lésbicas negras, tendo em vista que suas vivências são permeadas por violências que as atravessam diariamente e podem prejudicar o processo de emancipação, pois desumanizam o sentido histórico do tornar-se humano (Paulino-Pereira, 2014).

Segundo Ciampa (1987), a identidade humana é composta por um sujeito que desempenha papéis, encarna personagens e vive em constante metamorfose em busca de alcançar a emancipação durante toda a vida. Assim, a identidade deve ser compreendida como um processo

⁹ As políticas de identidade estabelecem, *a priori*, um padrão daquilo que é aceito como normal e que deve ser seguido “via de regra”, ditando formas de existências únicas e universais.

¹⁰ Aversão ou rejeição a mulheres que vivenciam o afeto ou o desejo sexual por outras mulheres.



de metamorfose, ao invés de algo já constituído de pronto. Seria mais correto pensá-la como algo em construção permanente, pois o ser humano é matéria e está em constante movimento. Dessa maneira, compreende-se o ser negra e o ser lésbica como identidades que se movimentam, ou seja, que não são definidas de forma estática, mas que podem existir no mundo de diferentes formas, identificando-se ou se diferenciando daquilo que está posto, em constante transformação. Contudo, quando não ocorre a transformação como superação, o indivíduo vive sua metamorfose como reprodução da mesmice (Paulino-Pereira, 2014), que é sustentada para conservar uma condição prévia e promover a manutenção dos interesses do capital.

A sociedade tende a contribuir com o lugar da mesmice colocado para lésbicas negras via práticas sociais que direcionarão à mesmice de modo a imputar ideias cristalizadas sobre “ser mulher negra”, incorrendo à internalização de papéis cristalizados que conferirão impedimento à sua transformação. Ou seja, a sociedade viabilizará práticas que implicarão o reforço, a repetição, a reprodução de sentidos cristalizados, levando-as a “reproduzir-se como réplicas de si, involuntariamente, a fim de preservar interesses estabelecidos e situações convenientes ao sistema” (Paulino-Pereira, 2014, p. 62-63). No entanto, a constituição do “eu” se dá de forma mais ou menos autônoma na medida em que o sujeito pode exercer seus papéis de forma diferente dos modelos estabelecidos, apoiando em suas vivências a possibilidade de transformar-se.

Ciampa (1987), discute o termo mesmidade caracterizando-o como o ato de refletir acerca do que o sujeito é em si mesmo, e do que ele pode vir a ser, indicando o caráter de plasticidade da identidade como algo que está em constante metamorfose. Nesse sentido, compreende-se que as violências sofridas pelas lésbicas negras não as determinam, mas as atravessam no sentido de pré-determinar, tornando o processo de inferiorização, preconceito e exclusão naturalizados (Braga et al., 2022).

Segundo Lima (2007), a construção de uma identidade política possibilita que o sujeito possa recusar as políticas de identidade que lhe são impostas e reconhecer as opressões que vivencia ao ter sua identidade reduzida a uma universalidade do ser. Assim, ao construir suas identidades políticas, lésbicas negras podem desviar-se das determinações sociais que o meio impõe e lutar em prol da desvinculação de suas identidades dos estigmas, sendo esta uma forma de emancipação. Ésther (2014), ainda afirma que toda identidade é política ao buscar, o indivíduo, a se definir em outro lugar social, explicitando que a identidade política possibilita que os sujeitos, nesse caso lésbicas negras, possam desempenhar os papéis estabelecidos à sua maneira.

Por fim, concordamos com Paulino-Pereira (2014) que afirma que “a luta pela emancipação é, em última instância, condição que dá sentido ético à identidade como metamorfose” (p.



50). Compreendemos, assim, que lésbicas negras podem lutar por sua emancipação ao tornar-se sujeitos políticos, buscando conscientizar-se a fim de negar o que está imposto e não mais naturalizar as violências sofridas. É processo. Contudo, Ésther (2014) aponta que, nesse constante processo percorrido pelo indivíduo ao longo de sua vida, o que muitas vezes ocorre é a construção de fragmentos de emancipação devido à impossibilidade de transformação imediata e plena do sistema que produz e conduz ao preconceito.

A fim de dar consequência analítica ao percurso teórico realizado, as próximas sessões discursivizarão sobre a existência da mulher negra no âmbito da arte cinematográfica, buscando compreender como as macro e micro violências atravessam as identidades de mulheres negras lésbicas a partir das vivências da personagem Alike, protagonista do filme *Pariah* (2011). Como ponto de partida, apresentamos uma análise da narrativa de história de vida da personagem para a compreensão da construção de sua identidade na medida em que a personagem busca alcançar fragmentos de emancipação ao longo de sua trajetória como lésbica negra, marcada por diversas violências e contextos que a oprime.

3 Macro e micro violência: narrativa de história de vida de Alike

A lesbofobia produz contextos de vulnerabilidade que se configuram como macro e micro violências, que podem ser identificadas e caracterizadas como hostilização verbal, micro punições, castigo, vigilância e controle, assim como, exigências e tentativas de (re)adequação às normas sociais vigentes (Braga *et al.*, 2022). As macro violências configuram-se como violências explícitas e brutais, assassinatos, correções por meio de violência física, estupros e assédios.

Em *Pariah* (2011), macro e micro violências cerceiam a existência de Alike e se apresentam de forma velada nas entrelinhas das relações de Alike com seus familiares, e na forma como ela constrói o “ser lésbica” para si. O “ser lésbica” nunca é nomeado pelos familiares de Alike, empurrando-a para um lugar de não existência. É notável, na narrativa, o clima nefasto que permeia a família de Alike, principalmente na relação com sua mãe, Audrey, que é pautada em desconfianças e tentativas de “corrigir” a garota.

Muitas dessas violências não são identificadas como tal por Alike, que demonstra incômodo em momentos frequentes do filme, mas que parece não conseguir elaborar o fato de que esses “comportamentos” limitam sua existência e suas possibilidades de ser Alike-lésbica. O incômodo de Alike é apresentado ao espectador por meio das reações e expressões faciais da garota, isto é, de elementos de linguagem não-verbal. O filme possui poucas cenas de diálogo. É sensível à significação dos sentidos que não foram, ou não podem ser ditos no ambiente familiar.



Para fins de análise e compreensão, optou-se por estruturar a análise a partir de duas categorias: inicialmente desvelando as violências que atravessam a identidade de Alike enquanto lésbica negra e, em seguida, discorrer sobre as possibilidades de emancipação construídas por ela.

3.1 As vivências e sobrevivências de Alike

Pariah (2011), filme dirigido por Dee Rees, nos coloca de frente com Alike, uma adolescente negra que vive em situação de vulnerabilidade social e econômica, e que se identifica como mulher lésbica em meio às atribulações que a vida lhe impõe. Alike é uma pessoa que está buscando construir um jeito próprio de ser lésbica, mesmo esbarrando nos estigmas que permeiam esse papel como mulheres a associação à libertinagem, promiscuidade, à imoralidade, e à vinculação ao estereótipo de homem, da masculinidade. Como pontuam Toledo e Filho (2012), socialmente, a associação da lesbianidade a esses estereótipos cerca a mulher pelo imaginário social que a coloca em lugar de desprezo e marginalização. A personagem de Alike, em *Pariah*, mostra a importância de desconstruir esses estereótipos e buscar uma identidade própria, que não seja definida pelos padrões sociais pré-estabelecidos.

Atualmente, a representatividade LGBTQ+ tem ganhado cada vez mais espaço na mídia e na sociedade, com debates sobre diversidade e inclusão mais presentes. Ainda assim, como aponta a pesquisa realizada pela ONG All Out em 2020, a violência contra pessoas LGBTQ+ ainda é uma realidade em diversos países, incluindo o Brasil. A luta por direitos e por respeito à diversidade sexual e de gênero continua sendo uma pauta urgente e necessária.

Pariah, ao abordar a jornada de autoaceitação e empoderamento de Alike, produz reflexões importantes sobre a importância da representatividade e da quebra de padrões em uma sociedade ainda marcada por preconceitos e discriminação. Como disse a diretora Dee Rees¹¹, “Alike é uma personagem que desafia as normas e quebra barreiras, mostrando que a diversidade e a autenticidade são aspectos fundamentais da nossa humanidade” (2012, não paginado). Alike, enquanto personagem fictícia, performa a realidade da vida de muitas mulheres que encontram formas semelhantes de enfrentamento na intersecção gênero, raça e sexualidade. A obra de Dedê Fatumma relata/narrativiza muitos aspectos que se assemelham à história de Alike. Em “Lesbiandade”, Fatumma (2023) aborda a construção de sua identidade como mulher negra e lésbica explorando os desafios e estigmas enfrentados em uma sociedade marcada por opressões interseccionais. Sua narrativa pessoal reflete a luta contra as imposições sociais que buscam silenciar e marginalizar identidades que fogem à norma cis-heteronormativa e branca.

¹¹ Em entrevista concedida à Go See Talk (2012).



As múltiplas camadas da identidade são abordadas em linguagem fílmica em *Pariah*. Assim como na obra de Fatumma (2023), as perspectivas vivenciais de Alike auxiliam na compreensão sobre as intersecções entre gênero, raça e sexualidade. A leitura dessas obras amplia o debate sobre as políticas de identidade e a necessidade de reconhecer as especificidades das experiências de mulheres negras lésbicas na luta contra as opressões estruturais contribuindo com o questionamento sobre as estruturas opressivas. Ao compartilhar sua trajetória, Dedê Fatumma (idem) contribui para a visibilidade e fortalecimento dessas identidades, desafiando estigmas e reivindicando espaços de pertencimento e resistência. Assim como Fatumma, Alike e outras mulheres negras lésbicas buscam sobreviver em lares repletos de violências evocadas de forma opacizada por meio de comentários, proibições e tentativas de (re)adequação do comportamento às regras heteronormativas brancas. A família da protagonista reproduz constantemente essas violências na tentativa de corresponder a um ideal de família tradicional que advém de um padrão idealizado pela branquitude. Souza (1983), já abordava essa problemática quando afirmou que o sujeito negro, enquanto vítima de uma alienação que idealiza o ser branco tende a negar tudo àquilo que contradiga o mito da brancura.

A família de Alike, formada por pessoas negras, é atravessada cotidianamente pelas mazelas do racismo perpetuado em políticas de identidade que inferiorizam o sujeito negro e enaltecem os brancos, grupo constituído numa ideologia dominante sobre o que é “bom” e “normal”. Os preconceitos prementes são produtos de uma ideologia dominante que visa à reprodução desses ideais e a dominação de outras classes (Ésther, 2004). Entende-se o racismo, assim, enquanto um mecanismo de manutenção de um regime que visa estabelecer a condição de alienação para sujeitos de grupos inferiorizados, produzindo impedimentos para que identidades negras busquem por emancipação.

A mãe de Alike, Audrey, é uma mulher negra devota aos princípios religiosos cristãos e cria suas filhas, Alike e Sharonda, seguindo os mesmos ideais. Audrey é enfermeira, casada com Arthur, detetive da polícia. Ambos enfrentam um relacionamento conturbado devido às dificuldades financeiras e à suspeita de um possível caso extraconjugal por parte de Arthur. No entanto, a imagem que constroem e apresentam para os demais membros de suas relações sociais (seja no trabalho, círculo de amizade e/ou convívio religioso) é a de uma família “perfeita” e “tradicional”, conforme estabelecido pelas políticas de identidade. A preocupação com a imagem que passam para os demais fica evidente na cena em que a família se arruma para participar de uma reunião religiosa:

Audrey exige que Alike troque de roupa, já que para ela é inconcebível que sua filha vá



para igreja usando calças e uma camisa de mangas longas. Ela questiona sobre a blusa que comprou para Alike, rosa e com um pequeno decote – oposto da vestimenta que deixa Alike confortável –, pois não quer que a filha seja vista com vestes que não correspondem ao ideal de feminilidade esperada de uma garota adolescente. Arthur chega do serviço nesse momento e Audrey corre para lhe servir o almoço, enquanto continua insistindo para que a filha não saia de casa como estava vestida. (*Pariah*, 2011, 24:15 min.)

Conforme afirmam Sousa e Paulino-Pereira (2022), cotidianamente pessoas negras são levadas a negar o seu próprio corpo e a sua negritude a fim de atingir um ideal que é do branco. Para atingir esse ideal o sujeito passa a negar qualquer possibilidade que evidencie sua negritude. É sob esse ideal que Audrey segue o caminho, o do embranquecimento, levando consigo seu esposo e filhas em busca de um ideal branco que jamais será alcançado pela família. Audrey e Arthur não conseguem, portanto, conceber a possibilidade de ter uma filha lésbica, pois seria um fator desviante da imagem de normalidade construída. A lesbianidade viria a ser, aí, compreendida como um agravante aos estereótipos do ser negro, dando visibilidade ao funcionamento sobre o qual o ser negro é imbuído a vivenciar, funcionando como um marcador social de subalternidade e anormalidade.

Compreendendo as políticas de identidade socialmente impostas é possível identificar que Alike teve seu processo relacional com a família marcado por aspectos de embranquecimento e por valores que desprezam o ser lésbica, delegando a esse grupo a condição de pária, como bem mobiliza o próprio título do filme em articulação simbólica e relacional: *Pariah* é significativa para pária, aquele que está à margem da sociedade, excluído do convívio social. Significado estabilizado em verbetes formulados em dicionários, palavra com marcação de ofensa explícita em países como a Índia e o Brasil e que figura a divulgação do filme com os seguintes significados: 1. *a person without status*. 2. *a rejected member of society*. 3. *an outcast*. Em tradução livre para o português brasileiro, diz o seguinte¹²: 1. Uma pessoa sem status. 2. Um membro rejeitado da sociedade. 3. Uma pessoa marginalizada. A significação da estabilização dos sentidos sobre *Pariah*/Pária como verbete de dicionário é um elemento simbólico que aponta para o funcionamento de estabilização do modo como a pessoa negra é significada num regime que condiciona a existência da pessoa negra. Singularmente, mas não individualmente, nessa relação Alike se percebe mulher lésbica, construindo sua identidade ameaçada pelas pressões e imposições das ideologias religiosas assumidas por sua família, e que determinam socialmente qual o lugar e função da mulher, o que elas podem ou não fazer, vestir, e como podem ou não se relacionar.

Conforme Ciampa (2002), a identidade coletiva refere-se a uma personagem coletiva.

¹² Tradução dos autores.



Relacionado à narrativa de história de vida de Alike, ela se identifica com a personagem coletiva mulher que é construída socialmente como sujeito dócil e passivo, e que deve expressar sua feminilidade através das vestes e adereços determinados, assim como se relacionar unicamente com homens (Braga *et al.*, 2022). Contudo, ao mesmo tempo em que o sujeito Alike identifica-se com seus semelhantes, também se difere em outros aspectos, podendo construir a sua identidade a partir da articulação das diversas personagens com originalidade e autonomia singular. No filme ela se identifica com a personagem mulher, mas se difere ao desempenhar esse papel de forma mais ou menos autônoma e singular.

Os aspectos citados e analisados configuram-se como violências que atravessam a identidade de Alike dificultando seu processo de emancipação, como o fator da lógica de embranquecimento e de cisheteronormatividade¹³. Assim como, as práticas de discursivização sobre a impossibilidade de cometimento de erros no percurso da vida de Alike que são exigidas por sua família, não havendo espaço para o exercício da personagem Alike-lésbica.

Alike é constantemente tolhida em seu processo de construção de uma identidade pessoal, já que no percurso de desempenhar o ser mulher de forma autônoma, vestindo-se com roupas largas sem se interessar pelo uso de maquiagens e de adereços, é submetida à processos de (re) adequação às normas a partir das exigências de Audrey, sua mãe:

Longe dos olhos de Audrey, Alike se veste com roupas largas, tidas como masculinas, calça, camiseta e boné. É assim que ela nos é apresentada na primeira cena do filme. No entanto, ao voltar para casa precisa despir-se das roupas com que se sente confortável e tentar exercer a personagem de filha feminina e hetero que sua mãe espera, tornando evidente a impossibilidade de existência da Alike-lésbica em seu próprio lar. (*Pariah*, 2011, 04:39 min.)

Em seu processo de construção de “ser Alike”, a personagem é constantemente tratada como um problema que Audrey se empenha arduamente para resolver. Alike se mostra incomodada com as proibições e constantes reprovações vindas de sua mãe, mas naturaliza esses comportamentos como sendo algo inerente ao papel de “mãe”, associando tais comportamentos - que devem/podem ser lidos como preconceito – a cuidado e superproteção. A obra de Lane (1984), auxilia na compreensão desse funcionamento ao mostrar como esse processo pode ser compreendido como alienação, caracterizada por ela como o processo de atribuir naturalidade aos múltiplos fatos relacionados à realidade social. Movimento esse que pode ser relacionado à *mesmice* (Ciampa, 1987), observada ao longo da história de vida de Alike, que segue tentando se encaixar no papel

13 A cisheteronormatividade é a naturalização e normatização de uma forma específica de se relacionar afetivo-sexualmente. É a suposição de que haveria linearidade entre corpo somático, prática sexual e identidade de gênero sem a possibilidade de outras formas de existências identitárias e relacionais, ou seja, é a linearização que mantém o binarismo masculino-feminino como única possibilidade.



de filha que desenharam para dela, não refletindo, ela mesma, sobre os seus sentimentos frente às violências da lesbofobia.

O fato de Alike ter Laura como melhor amiga, uma garota abertamente lésbica, faz com que Audrey se sinta ainda mais afrontada pela possibilidade de ter uma filha lésbica. Laura lhe causa repulsa, e Audrey não mede esforços para afastá-la de sua filha. Na igreja, insiste para que Alike conheça Bina, exigindo que a filha faça amizade com essa nova garota que aparenta ser o ideal de filha adolescente que ela espera:

- Não sei qual é o seu problema! - diz Audrey após Alike ter se mostrado chateada com a cena armada pela mãe.
- Não sei o que acha que isso vai mudar! - responde Alike.
- Sei que Deus não comete erros. Disso eu sei. Pode não gostar da Bina, mas vai passar bem menos tempo com aquela tal de Laura! (*Pariah*, 2011, 26:58 min.)

Alike percebe a invasão sobre si, mas é sutil a tentativa de mostrar à sua mãe o seu descontentamento. Ao longo do filme as violências vão se intensificando, e Alike está cada vez mais incomodada vivendo nas sombras, em um lugar no qual não pode existir. O jogo de sombra e luz, claridade e escuridão são elementos cinematográficos que auxiliam na compreensão sobre o jogo de conhecer e significar a sua relação com si mesma e com o outro. Frequentemente, as cenas que retratam a relação de sua família são mais escuras, convidando o espectador a reconhecer a dificuldade enfrentada por Alike. As luzes e a diversidade de cores são mais frequentes nas cenas que mostram Alike em relação às outras adolescentes que se aproximam das identidades cuja busca de emancipação é premente.

Em uma cena, cujo jogo de sombra e luz é marcante, Alike acorda com os gritos dos pais em mais uma briga do casal. Dessa vez, a personagem reconhece a motivação da briga e, em um impulso, decide intervir. Aos berros, Audrey diz para o marido que a filha está se tornando um homem diante de seus olhos e ele não vê. O esposo, em negação, pede para que ela cale a boca. Quando Alike tenta interromper a briga, Audrey se volta para ela, em meio a diversos xingamentos, e exige que ela admita ser um “sapatão imunda”. O desespero e o medo irrompem expressados na face de Alike enquanto ela se afasta de sua mãe, mas sendo encurralada por uma parede logo atrás de si. O pai, ainda em completa negação, suplica para que Alike desminta as intervenções de Audrey. Alike, paralisada mediante à briga e ao barulho ao seu entorno, eclode em um grito. Ela diz em voz alta aquilo que estava guardado à tanto tempo: — “Sou lésbica!”. Sua mãe a ataca violentamente com socos e chutes. Alike cai no chão enquanto Audrey continua a agredi-la.

A cena descrita remonta a realidade de muitas famílias mediante a revelação ou a descoberta da identidade homossexual ou de identidade de gênero de seus filhos. Segundo Santos (2021),



os parentes próximos, principalmente pais e mães assumem uma postura de rejeição e violência psicológica com seus filhos. Em um movimento de metamorfose, carregando em si toda a dor, Alike busca ressignificar essas violências a partir da escrita de poemas pelos quais expressam suas dores na tentativa de elaborar novas possibilidades de vida, construindo em si o entendimento de que as dores e o preconceito são o que fizeram dela, mas não quem ela quer ser:

Uma borboleta, brevemente sufocada na mucosidade de sua própria metamorfose. Aprisionada pela bainha membranosa de suas próprias asas subdesenvolvidas, e apertada na escuridão do estreito casulo, de sua própria criação. Para, pensando que a morte é inevitável. E prepara-se para morrer. Na absoluta solidão da casca torcida, uma rachadura aparece, uma luz fina, irregular. Que une o mundo interno com o externo. Uma Borboleta, brevemente paralisada pela iminência da morte, descobre que a vida é possível. (*Pariah*, 2011, 43:56 min.)

3.2 Descobrindo que a vida é possível

A família atua como um dispositivo de repetição das normas estabelecidas e de formas de discriminação, que podem ser visualizadas em contextos mais amplos da sociedade em geral (Santos, 2021). Discorrendo sobre os fragmentos¹⁴ de emancipação que foram alcançados por Alike ao longo de sua história e na relação com os outros diversos, é possível observar tentativas de transgredir o que está posto contemplando a busca por emancipação da personagem:

Na loja de bebidas, Arthur é alvo de “chacota” dos amigos que fazem insinuações sobre Alike ser lésbica. Após o ocorrido, Arthur questiona se Alike conhece a boate para mulheres perto da loja de bebidas e pede para que ela não frequente as redondezas, pois é uma vizinhança perigosa. Mesmo frequentando tal boate com sua amiga Laura, Alike nega e diz nunca ter ouvido falar sobre o lugar. (*Pariah*, 2011, 31:59 e 53:02 min.).

Segundo Santos (2021), na medida em que se produz meios e exigências para que as mulheres sigam determinados padrões de comportamentos heteronormativos é que a família reitera os preconceitos e as normas estabelecidas, produzindo um contorno particular no caso de mulheres lésbicas. Assim, quando Arthur se depara com os apontamentos do amigo sobre sua filha, logo se sente ofendido e busca garantir que a possível prática da filha seja negada, e impedida. Nesse movimento de negar o que o pai lhe impõe, identifica-se o processo de busca por emancipação de Alike que tenta se desvincular das amarras preconceituosas que lhe desencorajam de ser Alike-lésbica. Da mesma forma, percebe-se esses fragmentos em sua amizade com Laura:

Alike está interessada em uma garota da escola e decide encontrá-la na boate noturna. Ela conta com a ajuda de Laura, sua melhor amiga. Ambas se reúnem no quarto de Alike e conversam sobre a possibilidade de usar uma cinta peniana para se relacionar com a garota. (*Pariah*, 2011, 19:40 min.).

14 Segundo Éster (2014), enquanto sujeitos inseridos em um sistema alienante, a emancipação plena não é possível. O que se torna possível são os fragmentos de emancipação, que se constitui num infundável processo no qual buscamos nos desvincular da condição de sujeito alienado.



A amizade de Alike com uma garota abertamente lésbica não agrada Audrey, que teme por sua filha “seguir o mesmo caminho”. No entanto, Alike busca viver a relação com Laura independente das intervenções de sua mãe, discordando de suas imposições. Outro aspecto importante nas vivências de Alike diz da relação de afeto que constrói com sua irmã mais nova, Sharonda, que buscava apoiar a irmã e demonstrar que a sexualidade de Alike não alterava a relação entre elas. Ambas as relações se constituem ao longo do filme como as redes de apoio¹⁵ de Alike.

Os componentes da família de Alike raramente são afetuosos ou cuidadosos uns com os outros, sendo raros os momentos nos quais demonstram sentimentos, o que também pode estar relacionado à própria constituição identitária do sujeito negro. Hooks (1995), ao recuperar a temática das relações e afetividade, destaca que o modo como a sociedade é constituída pelo racismo estrutural constrói um ambiente no qual pessoas negras não têm espaço para sentir e vivenciar o amor. A autora ressalta a importância de reconhecer e desafiar essas estruturas opressivas, que limitam as experiências afetivas e emocionais das pessoas negras, impedindo-as de se conectarem de maneira plena com seus próprios sentimentos e com o afeto de seus entes queridos.

A luta pela sobrevivência era mais importante do que o amor. Nossos pais e sua geração, que só pensavam em subir na vida, geralmente passavam a impressão de que o amor é uma perda de tempo, um sentimento ou um ato que os impedia de lidar com coisas mais importantes. (Hooks, 1995, p. 5)

Nesse sentido, é possível identificar que, pouco a pouco, Alike busca construir uma identidade política (Lima, 2007). E é na relação com sua irmã que ela subverte essa estrutura de não amor construindo um laço afetivo pautado em acolhimento e cuidado que não parece existir em suas outras relações familiares. Além disso, a amizade com Laura foi o alicerce que Alike não encontrou em casa, configurando-se como um refúgio e apoio para o enfrentamento da violência. Alike encontra abrigo na casa da amiga que a acolhe e lhe oferece colo. É com ela que passa seus últimos dias na cidade, antes de ser aceita em um programa juvenil da faculdade e decidir ir embora em busca de construir novas possibilidades de vida para Alike-lésbica.

A partida de Alike configura-se como o maior ato em busca de emancipação da personagem que, em meio ao sofrimento, tenta encontrar forças para movimentar-se e abandonar os contextos violentos que a cercam. Nesse sentido, Alike procura dar continuidade ao processo de construção de sua identidade política, o que significa poder posicionar-se de forma individual, mesmo

15 Santos (2021), afirma que mulheres lésbicas sofrem uma espécie de punição no interior de suas famílias, por irem contra o comportamento padrão que esperam delas. Assim é importante que estas possuam redes alternativas de apoio para enfrentarem o processo de violência no contexto familiar.



sendo influenciada pelos padrões e regras sociais impostas, buscando construir uma identidade transgressora e emancipatória. Esse movimento pode ser identificado no poema que Alike declama:

[...] Estou ferida. Estou aberta. Sou uma ferida aberta. Veja a luz do amor brilhando através de mim, brilhando através das minhas fendas, através das lacunas. Meu espírito fez uma jornada. Meu espírito alçou voo. E não estou fugindo. Estou escolhendo. Fugir não é uma escolha para a ferida. Ferir-se é resgate. Ferir-se é liberdade. Eu não estou ferida. Eu estou livre. (*Pariah*, 2011, 01:20:10 min.)

4 Considerações finais

O percurso realizado na pesquisa possibilitou abordar a importância de pesquisar sobre lesbianidade e negritude. Lésbicas negras são constantemente atravessadas pelo machismo, pela lesbofobia e pelo racismo de modo a interferir em suas vivências cotidianas e em suas identidades. Ao voltar o olhar para Alike, que compartilha desses papéis e vivências com outras tantas mulheres, é possível citar a relevância dessa pesquisa como ato político.

A análise realizada ao longo deste estudo permitiu compreender como a identidade de mulheres negras lésbicas, exemplificada pela personagem Alike no filme “Pariah”, é atravessada por múltiplas formas de violência que limitam suas possibilidades de existência. A interseccionalidade entre raça, gênero e sexualidade revela como estruturas de opressão se articulam para manter certos corpos em posições subalternas, reafirmando processos de exclusão que são naturalizados no cotidiano social.

Sob a perspectiva de Agnes Heller (1985), foi possível identificar uma vez mais que os preconceitos não são apenas expressões individuais de intolerância, mas resultados de um processo de socialização que envolve ultrageneralizações. Estes juízos provisórios, quando mantidos contra evidências racionais e científicas, se solidificam como preconceitos estruturais que moldam práticas institucionais e relações interpessoais. No caso de Alike, sua trajetória mostra como esses mecanismos operam dentro da família, da escola e da sociedade em geral, dificultando sua emancipação.

No entanto, o estudo também possibilitou refletir sobre a transformação da cotidianidade. Se os preconceitos são internalizados por meio da socialização, também podem ser questionados e superados por meio da consciência crítica e da luta política. Alike, ao buscar sua identidade e construir espaços de resistência, representa essa possibilidade de ruptura, ainda que metamorfoseando em fragmentos. Sua trajetória aponta para a necessidade de desestabilizar as normas impostas e reivindicar a existência plena de sujeitos que historicamente foram marginalizados.

Resta reafirmar a importância de pesquisas que abordem as interseccionalidades de raça, gênero e sexualidade, ampliando a compreensão das violências que atravessam mulheres negras



lésbicas e contribuindo para práticas que promovam sua emancipação. A Psicologia, enquanto ciência comprometida com a transformação social, deve se engajar ativamente nesse debate promovendo reflexões que desconstruam preconceitos e incentivem novas formas de existência que não sejam reguladas pela lógica da exclusão e da subalternidade. Como afirmado em Heller, o mundo social é uma construção humana e, portanto, pode ser modificado.

Referências

- All Out. *Relatório sobre violência contra pessoas LGBTQ+ no Brasil*. 2020. Disponível em: <https://allout.org/relatorios/violencia-lgbtq-brasil>. Acesso em: 11 maio 2025.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERNI, Vanessa. L.; ROSO, Adriane. *A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica*. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2025.
- CAMPOS, Alessandro. *Sobre a tradição e sua apropriação crítica: metamorfoses de uma afroamericalatinidade em luta*. 2013. 214 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.
- CIAMPA, Antonio Costa. *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CIAMPA, Antonio Costa. Identidade. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. (org.). *Psicologia social: homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CIAMPA, Antonio Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, C.I. L.; PASSOS, Maria Consuelo (org.). *Uma Psicologia que se Interroga*. Ensaios. São Paulo, Edicon: 2002. p. 133-144.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Precisamos falar sobre visibilidade lésbica*. 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/precisamos-falar-sobre-visibilidade-lesbica/>. Acesso em: 3 ago. 2022.



COSTA, Neila P.S. *Eu não sou uma mulher: perspectivas lésbicas sobre a família estrutural a partir dos estudos críticos do discurso*. 2024. Tese (doutorado) – Programa de PósGraduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2024.

ÉSTHER, Angelo. Síntese da identidade na perspectiva da psicologia social crítica. Núcleo De Estudos e Pesquisas em Identidade Metamorfose – NEPIM. PUC/SP, 2014. p.1-7. (no prelo).

FATUMMA, D. *Lesbiandade*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023. (Col. Feminismos Plurais)

GO SEE TALK. *Entrevista com Dee Rees*. Online. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yr6kIGxxpfw>. Acesso em: 11 maio 2025.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, tradução de Mathias Lambert. 4. ed. São Paulo: LTC, 1980.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema et al. (org.). *O livro da saúde das mulheres: nossos passos vêm de longe*. Trad. Maisa Mendonça, Marilena Agostina e Maria Cecília MacDowell dos Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1995. p. 188-198.

KRÜGER, Helmuth. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: LIMA, Marcus E. O.; PEREIRA, Marcos E. (org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%20e%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf> Acesso em: 11 maio 2025.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. Consciência/Alienação: a ideologia no nível individual. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. (org.). *Psicologia Social: homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. Uma Psicologia Social baseada no materialismo dialético: Da emoção ao inconsciente. In: Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 2., Gramado, 1989. [Anais...]. Gramado: [s.n.], 1989.

LIMA, Aluísio. Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 1-23, dez. 2007.

MARCELINO, Sandra Regina. *Entre o racismo e a lesbofobia: relatos de ativistas negras lésbicas do Rio de Janeiro*. *Revista Gênero*, Niterói, v. 16, n. 2, p. 111-129, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31236/18325>. Acesso em: 11 maio 2025.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César. *Psicologia social e identidade humana: a militância social como luta emancipatória*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.



SANTOS, Nathaliê. *Lesbofobia intrafamiliar e proteção social*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 12., 2021, Florianópolis. *Anais [...]* Florianópolis, 2021. p. 1-12. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1630073387_ARQUIVO_56275e80d09307679f7e9e7749361740.pdf. Acesso em: 11 maio 2025.

SOUSA, Libna Raquel; PAULINO-PEREIRA, Fernando César. *A construção da identidade de mulheres negras: negritude como resistência*. In: PAULINO-PEREIRA, Fernando César (org.). *Temas em Psicologia Social: mulheres e gêneros*. Vol III. São Paulo: Paco Editorial, 2022. p. 321-352.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.

TAKAZAKI, Silmara Simone. *Lesbianidade, representatividade e estereótipos: filmes de animação como tecnologia de gênero*. 2021. 243 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

TOLEDO, Livia Gonsalves; FILHO, Fernando. *As lesbianidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual*. *Temáticas*, Campinas, v. 20, n. 4, p. 67-103, ago/dez, 2012.

Obra audiovisual:

PARIAH. *Direção*: Dee Rees. Produção de Spike Lee. Estados Unidos da América: Focus Features, 2011, 1h26.

